

***Renata Afonso Sobral***

***Vínculos afetivos com animais de  
estimação: formações e rupturas  
a partir de uma abordagem  
psicanalítica***

***Monografia de Conclusão do Curso de Especialização  
em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica***

***Orientadora: Julieta Jerusalinsky***

***COGAE - PUC/SP  
2015***

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que contribuíram para a construção deste trabalho, em especial:

- à minha orientadora Julieta que me sugeriu um ponto de partida e incentivou que eu considerasse fragmentos de minha prática clínica, fazendo com que a escrita tenha sido mais familiar e fluída;
- aos professores do curso de formação em Teoria Psicanalítica, aprendi muito com todos vocês!
- aos responsáveis de meus pacientes que, com seus relatos de experiências afetivas com animais, despertaram minha curiosidade em tentar compreender o que nos motiva à aproximação daqueles que estimamos.

## Resumo

### **Vínculos afetivos com animais de estimação: formações e rupturas a partir de uma abordagem psicanalítica.**

O presente trabalho discorre sobre a formação e a ruptura de vínculos afetivos entre homens e animais de estimação e tem como ponto de partida o processo de domesticação das espécies animais, com grande contribuição humana. As influências que favoreceram com que os *pets* alcançassem o lugar de importância de hoje como, as transformações da família contemporânea, a liberdade individual na escolha da configuração familiar, as mudanças culturais e sociais de consumo nos grandes centros urbano, são discutidas.

Tanto quanto o homem, os animais de estimação são indivíduos sociáveis. O resultado da interação homem-animal é a de um vínculo assimétrico, onde a pulsão do humano interage, direta e prazerosamente, com o instintivo animal. Assim o animal assume a posição de objeto de amor que pode refletir uma escolha narcísica de seu responsável.

O luto pela perda animal é frequentemente assistido pelo veterinário. Concomitantemente, nos últimos anos, a medicina veterinária tem avançado em conhecimento em como prolongar a vida animal, mesmo que artificialmente.

A partir dos pontos apresentados no trabalho, a proposta é a de considerar que a psicanálise pode ser uma ferramenta ao veterinário interessado no escutar, além do cuidar.

**Palavras-chaves:** animais de estimação, *pets*, vínculo homem-animal, luto.

## Sumário

1. Introdução .....	4
O processo de domesticação das espécies animais .....	4
Domesticação dos cães .....	7
Domesticação dos gatos .....	8
A prática da esterilização cirúrgica de animais de estimação.....	9
2. A busca da companhia de animais de estimação .....	10
A resposta do animal ao afeto humano .....	17
O <i>pet</i> como objeto da pulsão .....	18
3. Experiência veterinária em tratar animais doentes .....	24
A evolução da medicina veterinária .....	25
Eutanásia como opção legal .....	27
4. A escuta da dor diante à perda no contexto veterinário .....	28
A posição de escuta do veterinário .....	37
5. Conclusão .....	38
6. Referências Bibliográficas .....	39

## **1. Introdução**

A realização deste trabalho foi motivada por questões surgidas da prática veterinária em um diálogo com a psicanálise ao considerar que, conhecendo o funcionamento do psiquismo, seja possível melhor compreender o relacionamento homem-animal.

A escrita deste trabalho parte do conhecimento teórico adquirido no curso de Teoria Psicanalítica que, tem sido fundamental para lançar luz sobre as situações ricas que tenho presenciado há 21 anos como veterinária oncologista.

Neste trabalho discorrerei sobre o busca do homem em interagir afetuosamente com animais domesticados e a pulsionalidade que o move neste sentido; sobre a implicação do veterinário na manutenção e prolongamento da vida animal e, na posição de escuta do veterinário quanto às expectativas e à dor daqueles que têm um estreito vínculo afetivo com seus animais em situação de risco de vida.

### **O processo de domesticação das espécies animais**

Historicamente o processo de domesticação das espécies animais pelo homem teve início há cerca de 14.000 anos na região conhecida como Fértil Crescente, região do Oriente Médio que hoje corresponde às planícies da Mesopotâmia, as regiões montanhosas da Turquia e Costa Mediterrânea (Verginelli *et al.*, 2005).

Diferente da configuração atual, a região do Fértil Crescente no passado era abundante em fauna e flora e constituía uma área recoberta por

gramíneas e leguminosas que era a principal fonte nutricional tanto para as espécies de pastoreio que habitavam a região como também para o homem nômade primitivo que, subsistia pela prática da caça e pelo hábito de coletar o alimento disponível.

A Revolução Neolítica, ou Revolução Agrícola, ocorrida há cerca de 12.000 anos, marcou a transição do homem nômade caçador para o homem sedentário, momento em que se deu início aos assentamentos urbanos, a prática do cultivo de lavouras e o confinamento das espécies animais com objetivos alimentares. Desta forma o homem inicia a seleção artificial das espécies animais que eram de interesse à domesticação.

As espécies domesticadas manifestam uma notável tolerância à proximidade com pessoas ou ainda, não manifestam medo quando em proximidade com pessoas (Driscoll *et al.*, 2009).

A domesticação de uma espécie animal é um processo contínuo, moldado pela diferenciação genética e influenciado pelo meio ambiente na seleção de características que podem variar dependendo das circunstâncias deste. A partir deste pressuposto, consideramos que as espécies domesticadas diferenciaram-se de seus antecedentes selvagens quanto aos aspectos fisiológicos, morfológicos e comportamentais (Price, 1984).

Mudanças no ciclo reprodutivo e na dieta são evidências importantes de diferenciação fisiológica. Espécies domesticadas tendem a apresentar ciclos estrais mais frequentes do que as selvagens, uma mudança que favoreceu a reprodução para a prática da pecuária. Da mesma forma, as modificações e adaptações dietéticas, usualmente menos ricas em nutrientes

em relação às necessidades de seus parentes selvagens, é outro exemplo deste tipo de mudança. (Hemmer, 1990).

Diferenças no porte, como nanismo ou gigantismo, pelagens de padrão malhado, ondulada ou enrolada, encurtamento e enrolamento da cauda, ocorrência de dobras nas orelhas são exemplos de alterações morfológicas vistas nas espécies domesticadas (Clutton-Brock, 1999). Outra constatação de mudanças físicas é a ocorrência de neotenia, ou seja, manutenção de certos traços fenotípicos infantis ou juvenis prolongados além da infância (Morris, 1967).

Além das alterações físicas observadas durante a domesticação, a seleção artificial conduzida pelo homem também promoveu a seleção de animais com características mais favoráveis à interação como, socialização e comunicação (Driscoll *et al.*, 2009)

Acredita-se que a domesticação dos cães e gatos para fins puramente afetivos tenha ocorrido gradualmente ao longo dos anos, principalmente com a atuação do homem na seleção de raças. Os pesquisadores dedicados ao assunto confirmam que o sucesso da domesticação foi resultante não somente da evolução biológica das espécies, mas também da influência cultural nas sociedades primitivas; um exemplo disso é o fato da domesticação não ter ocorrido em muitas sociedades aborígenas (Driscoll & Macdonald, 2009)

Como exemplo da influência da sócio-cultural na domesticação, Davis e colaboradores (1978) relataram a descoberta de três esqueletos de canídeos ao norte de Israel onde, há cerca de 11.000 a 13.000 anos, se estabeleceu uma comunidade conhecida como Natufiana. Um dos esqueletos

encontrados era o de um filhote de cão (ou de lobo) que havia sido enterrado juntamente com um homem, provavelmente seu dono. A disposição dos restos mortais de ambos sugeriu aos pesquisadores uma relação possivelmente afetiva entre eles.

## **Domesticação dos cães**

Os lobos foram seguramente uma das primeiras espécies domesticadas pelos homens (Hemmer, 1990). Estudos moleculares, apoiados em achados arqueológicos em regiões do Oriente Médio, apontam o lobo (*Canis lupus*) como antecessor do cão (Driscoll *et al.*, 2009). Evidências sugerem que o mesmo tenha ocorrido em sítios entre a Europa e o Extremo Oriente, há cerca de 14 mil anos (Verginelli *et al.*, 2005, Pang *et al.*, 2009).

Num primeiro momento o contato entre homens e cães primitivos deu-se pela proximidade durante as caçadas quando o homem ainda era nômade. Os cães, pela natural habilidade em vasculhar o ambiente, acompanhavam o homem caçador pelos campos à procura de restos de caça como alimento. Por meio de sucessivas gerações, estes cães tornaram-se mais acostumados à presença e ao contato humano e foram envolvendo-se cada vez mais nas atividades das caçadas bem como assumindo a função de sentinelas e guardas contra invasões aos assentamentos durante a noite (Clutton-Brock, 1995; Lindsay, 2000).

Desta forma, por meio de uma seleção genética gradual, os lobos primitivos evoluíram para o cão moderno como consequência da ação inconsciente e não intencional do homem que, optou por ter como companhia animais com características mais sociáveis (Muller, 2002)

A grande variação fenotípica das modernas raças caninas ocorreu somente há cerca de 3.000 a 4.000 anos, atualmente são reconhecidas cerca de 400 raças de cães pelas associações de cinofilia.

## **Domesticação dos gatos**

Há relatos da presença do gato domesticado há cerca de 3.600 anos em pinturas de tumbas egípcias. Embora existam evidências arqueológicas mais antigas da presença de gatos em Creta, há 9.500 anos (Vigne *et al.*, 2004) e em Jericó, há 8.700 anos (Zeuner, 1963).

Diferente dos cães, a domesticação dos gatos evoluiu numa trajetória diferente. Os gatos selvagens não eram bons candidatos à domesticação, pois como todos os felinos selvagens, eram obrigatoriamente carnívoros, com limitações à adaptação a qualquer outro tipo de dieta que não fosse essencialmente proteica (Bradshaw *et al.*, 1996).

Os gatos são animais solitários quando comparados aos gregários lobos e cães, além de grandes defensores de seus territórios. Em comparação aos cães, os gatos não realizam tarefas úteis ao homem; mesmo considerando-os exímios caçadores de ratos, algumas raças de cães, como os terriers, e também os ferrets (mamíferos carnívoros da família dos mustelídeos), são tão hábeis quanto os gatos na caça de pequenos roedores.

Acredita-se que tenham sido poucos os motivos das comunidades agrícolas primitivas em, intencionalmente, selecionar gatos selvagens como animais de companhia. A melhor hipótese é a de que os gatos selvagens que

exploravam o ambiente humano, por serem aceitos e tolerados pelas pessoas, foram se tornando mais sociáveis do que seus parentes selvagens e por isso assumiram a condição de *pets* (Wandeler *et al.*, 2003; Driscoll *et al.*, 2009)

Desta forma, enquanto a domesticação dos animais de pastoreio e dos cães tenha sido orientada pela seleção artificial conduzida pelo homem, o atual gato doméstico é um produto da seleção natural. Estudos genéticos confirmam que o gato doméstico é resultado de 6 subespécies de gatos selvagens e que, o gato doméstico moderno é filogeneticamente muito próximo de seu parente selvagem *Felis silvestris lybica* (Driscoll *et al.*, 2007).

## **A prática da esterilização cirúrgica de animais de estimação**

A prática de castração (esterilização cirúrgica) de cães e gatos que atualmente é mundialmente praticada facilitou enormemente o convívio e a adaptação do cão e do gato no ambiente doméstico do homem.

A castração dos animais de companhia envolve a remoção cirúrgica das gônadas (os testículos nos machos e os ovários nas fêmeas) e, uma vez castrados, deixam de exibir o comportamento sexual instintivo natural da espécie, assumindo assim comportamento sedentário e mais permissivo na interação com o homem e com outros animais. Porém, a inibição ou ausência de tão importante instinto, em qualquer espécie animal, tem um poder essencialmente transformador.

Como veterinária apoio os benefícios que a esterilização cirúrgica produz na prevenção de várias doenças, como por exemplo, alguns cânceres,

além de ser a forma mais efetiva de controlar a natalidade de animais abandonados e errantes nas ruas e em abrigos.

Minha experiência confirma que é muito mais fácil interagir com cães e gatos castrados, pois geralmente, estes exibem um comportamento mais estável e amistoso do que os animais inteiros.

Naturalmente que é possível possuir um *pet* não castrado, porém o responsável deverá ter uma maior atenção no manejo das fêmeas durante o período do estro, e também dos machos que, além de tornarem-se instintivamente atraídos pelas fêmeas durante o cio, também podem exibir comportamento agressivo pela disputa destas ou ainda pelos seus territórios.

O estudo publicado por Borchelt (1983) sobre a agressividade de cães machos de companhia, castrados e não castrados confirma a influência dos hormônios gonadais ao comportamento mais agressivo de cães não castrados sendo que, as primeiras manifestações de agressividade ocorrem após a puberdade do animal. Outras variáveis menos importantes como, genética, hormônios extra-gonadais, organização neural, porte e peso também foram considerados no estudo.

Cães e gatos castrados também podem exibir diminuição no interesse em interagir socialmente com outros animais da sua espécie. Isso foi uma das constatações de um estudo observacional conduzido com 20 cães (entre machos e fêmeas) em uma comunidade australiana. Apesar dos cães possuírem responsáveis que os abrigavam e alimentavam estes não eram mantidos reclusos e tinham livre acesso para percorrer toda a extensão do vilarejo. Uma das constatações foi a de que as fêmeas castradas

mostraram, significativamente, menor interação com os demais cães da matilha (Sparkes *et al.*, 2014).

Num consenso geral, consideramos que cães e gatos castrados são mais longevos pela prevenção de algumas doenças e também por se envolverem menos em situações de risco como quando da procura por parceiras para a cópula, fugas e disputas entre machos.

Hoffman e colaboradores (2013) confirmam que a prática da esterilização eletiva de cães contribui para o aumento da expectativa de vida destes, porém exatamente por viverem mais, estes desenvolvem risco maior para doenças comuns em idade avançada como, por exemplo, o câncer.

Definitivamente o advento da castração de animais de estimação favoreceu enormemente a adaptação destes como companhia do homem transformando-os, intencionalmente, em companhias mais dóceis, sociáveis e longevas.

## **2. A busca da companhia de animais de estimação**

Muitos são os motivos alegados por nós na procura da companhia de animais como espécies de estimação. Motivos justificados como identificação, divertimento, exibicionismo, ter “alguém” como companhia, ter “alguém” como objeto de cuidados, dentre outros. Em quaisquer destas intenções é clara a pró-atividade humana em direcionar e investir atenção.

Embora no vínculo homem-animal, a dedicação do homem parece ser a mais importante entre as duas partes, observou-se que, em um estudo conduzido por Marinelli e colaboradores (2007), a qualidade do relacionamento entre 104 proprietários e seus respectivos cães estava

diretamente relacionada às características não só do dono, mas também do cão. Diferente do encontrado em estudo similar com responsáveis de 62 gatos onde os achados confirmaram que a qualidade do vínculo entre gatos e humanos é mais influenciada pelas características dos donos do que das dos gatos (Adamelli *et al.*, 2005).

Os estudos acima sugerem diferenças de perfis entre os vínculos homem-cão e homem-gato. Num consenso geral, pessoas que preferem felinos apreciam a independência já as que gostam de cães buscam lealdade e companhia (Fernandes, 2015). Porém, não são incomuns pessoas que possuem cães e gatos convivendo mutuamente sem que necessariamente haja uma preferência particular.

O vínculo afetivo formado entre homem-animal ganha significado e é fortalecido com o convívio e com o avanço da intimidade entre os animais e seus donos (Jacobson *et al.*, 2012). Não raras vezes, durante consultas, presencio relatos de proprietários que se tornaram muito apegados aos seus animais com o passar do tempo:

*o Toby chegou em casa contra minha vontade, eu não gostava de cachorro, foi um presente que alguém deu ao meu filho. Eu somente comecei a ter interesse por cães (na verdade pelo Toby) com o tempo, quando passamos a conviver em família.... o Toby me "entende", sabe quando estou triste ou alegre.... ele sabe tudo!*

E o que leva o homem a investir atenção espontaneamente na companhia de animais de estimação? Num primeiro momento podemos pensar como respostas: - por divertimento, - por curiosidade (científica ou não), - por retribuição espontânea de afeto, - pela ausência de comunicação verbal, - por ausência de julgamento e preconceito, - por solidão, - pela nunca recusa do animal à interação com o homem, - pela dificuldade em interagir

com humanos ou, simplesmente, pelo prazer em interagir com animais aptos à socialização.

O fato é que tem sido crescente a importância do vínculo com animais domésticos em nossa cultura. Isso nos leva a pensar o quanto, em tempos de instabilidade afetiva dos laços, conjugais, familiares, laborais e entre amigos (reais ou virtuais), nos parece mais fácil sustentar vínculos com menos exigências e condições do que as impostas pela sociedade e pela família. Um dos exemplos disso é o resultado de uma pesquisa, realizada pelo IBGE em 2013, que constatou que o número de famílias que possuem cães no Brasil já é maior do que o de famílias que têm crianças; de cada 100 famílias no país, 44 criam cães, enquanto só 36 têm crianças (Ritto & Alvarenga, 2015).

A crise ética da família contemporânea descrita por Kehl (2003) evidencia o contraste da família de hoje com família burguesa vienense do final do século XX, de quem Freud serviu-se para suas primeiras observações sobre a histeria e a neurose. Nesta época, a mulher era mantida como alguém submetida às exigências da monogamia, sem qualquer possibilidade de expressão de seus desejos sexuais e restrita ao ambiente doméstico onde, os filhos eram mantidos como objetos de seu amor incestuoso. A autora instiga o leitor invertendo, propositalmente, os termos do chamado Complexo de Édipo ao afirmar que são as mães, insatisfeitas tanto com as limitações de seu destino doméstico quanto com a pobreza de suas vidas sexuais, que fazem dos filhos o objeto de um investimento libidinal pesado demais.

A “revolução cultural”, ocorrida cerca de meio século após a publicação dos textos de Freud sobre o ideal materno como destino (1908) e

a virgindade (1918), concomitante ao advento da pílula como método anticoncepcional, modificou fundamentalmente a família tradicional, permitindo à mulher, e também ao homem, conquistarem o direito essencial de atribuir à vida sexual outra finalidade além da reprodução (Oliveira, 2014).

Porém, como Oliveira (2014) descreve, ao longo da segunda metade do século XX, a liberdade pela escolha em ter ou não ter filhos impregnou a sociedade de valores individuais e hedonistas. A realização pessoal ganhou máxima importância e, preparar-se para ter um filho, segundo Badinter (2010) apresentava-se como uma das decisões mais perturbadoras que o ser humano deveria tomar em sua vida.

No entanto, a mulher que livremente tem poder para aceitar ou renunciar à família e à maternidade, também é livre em seu questionamento, sobre o desejo de exercer a maternagem e os comportamentos protetores e filiativos; ou ainda, deslocar tais realizações pulsionais para outros objetos, como por exemplo, um *pet*.

O indivíduo livre tem flexibilidade e criatividade quanto à escolha do arranjo e rearranjo familiar mais conveniente que lhe permita optar entre: viver só, em família, em casal homo ou heteroafetivo, em ter filhos ou não tê-los, em ter ou não ter animais de estimação, estes concomitantes ou não aos filhos e aos companheiros.

O animal de estimação de hoje é um novo elemento agregado ao homem e sua família, ele pode ocupar o lugar dos membros da família tradicional substituindo-o ou ainda, configurar-se como algo realmente novo.

Num censo comum, a opção pelos *pets* em substituição aos filhos pode ser entendida como de menor responsabilidade em educar e cuidar, de

menor dedicação em tempo, de menor impacto financeiro ou ainda pela expectativa em ter um companheiro animal como “a eterna criança” que promove a “leveza” no dia-a-dia na família.

Para casais homossexuais a opção pela adoção de *pets* também pode ser vista como uma saída para exercer o cuidado para com um dependente que, de certo modo, simula ou sublima o cuidado parental.

Outra importante influência que estimula a adoção de animais de estimação é a publicidade que veicula os diversos benefícios e vantagens em se ter um animal para cuidar. Em recente reportagem, a revista *Veja* apresentou os dados de uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2013 sobre a presença de cães nas famílias brasileiras.

Atualmente existem 52 milhões de cães, contra 45 milhões de crianças de até 14 anos nos lares brasileiros e, a situação brasileira se assemelha à de países como o Japão (16 milhões de crianças para 22 milhões de animais de estimação) e Estado Unidos (48 milhões de cães para 38 milhões de crianças) (Ritto & Alvarenga, 2015).

Segundo as autoras, o motivo do aumento de cães em relação às crianças é que os animais de estimação são frequentemente a alternativa escolhida para preencher o vazio em lares com pouca gente. O aumento da população idosa em cujos lares os filhos não mais habitam e a decisão da mulher em ter menos e mais tardiamente os filhos, contribuem para o aumento dos lares aptos a receberem cães. Segundo o artigo “ninho e berço vazios reunidos, sobram espaço, tempo e dinheiro para os bebês de quatro patas”.

Elizeire (2013) descreve que as mudanças observadas na estrutura das famílias brasileiras nas últimas décadas, especialmente nos grandes centros urbanos, correlacionaram-se à expansão do Setor *Pet* no país nos últimos anos.

O Setor *Pet* é o segmento do agronegócio relacionado ao desenvolvimento das atividades de criação, produção e comercialização de bens para animais de estimação.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET) a população de *pets* no Brasil hoje é a 2ª maior do mundo em cães, gatos e aves ornamentais; a 3ª maior do mundo em faturamento e a 4ª maior do mundo em população total de animais de estimação. Dados como estes colocam o Brasil numa posição de destaque no competitivo mercado *pet* e com potencial para promover importantes mudanças sociais e culturais nas relações homem-animal.

Tais dados revelam uma mudança significativa no lugar assumido pelos *pets* no laço social sobre o qual cabe refletir.

## **A resposta do animal ao afeto humano**

Os animais de estimação mostram-se, espontaneamente, dispostos a retribuir o afeto dedicado a eles, exceções feitas em situações de tensão como dor, medo e fome, ou ainda em casos de desvios de comportamento.

A sensação prazerosa na retribuição animal ao afeto humano é capaz de produzir um tipo de encantamento nos proprietários, algo que, uma vez experimentado, evoca a repetição do bem-estar. Como exemplos, seguem dois breves relatos de proprietários de pacientes que atendi:

*Bryan, um cão da raça Golden Retriever, foi diagnosticado com câncer (sarcoma de tecidos moles) muito jovem, aos 18 meses de idade. A cirurgia para a retirada do tumor foi realizada com sucesso e o paciente foi considerado curado após 2 anos sem evidências de recidiva, o que levou a responsável de Bryan, Márcia a incluí-lo como voluntário num programa de visita a crianças doentes e hospitalizadas. Como Bryan era extremamente sociável e adestrado, sua atuação como voluntário era impecável, bem como sua performance como animal de companhia da Márcia. Aos 10 anos Bryan desenvolveu um novo câncer, mais agressivo que foi a causa do seu falecimento. Dias após Márcia adoeceu fisicamente e, seus amigos, na intenção de compensar a perda de Bryan, a presentearam com um cão, da mesma raça, o Joca. Encontrei Márcia e Joca numa consulta quando este tinha cerca de 2 anos. Em seu relato Márcia dizia-se feliz na companhia dele, porém deixava transparecer certa frustração pois a afetividade entre eles não estava à altura do prazer que ela havia experimentado anteriormente ...” gosto do Joca mas, ele não é a mesma coisa que era o Bryan...”*

*Durante a consulta de Nina (sem raça definida SRD, 12 anos), sua responsável, Dona Esmeralda me descrevia a dificuldade recente com que a cachorrinha tinha para apoiar um dos membros anteriores. O exame radiográfico confirmou focos de destruição óssea no úmero, próximo à articulação do ombro, causado pelo crescimento de um câncer. Expliquei à Dona Esmeralda a necessidade de amputação do membro no controle da expansão da doença, mas que existia grande possibilidade de disseminação metastática futura. A cirurgia de amputação foi realizada, Nina se adaptou à nova condição com alguma dificuldade, mas cerca de 8 meses após ela evoluiu para um quadro de metástase pulmonar que acabou levando-a à morte. Dona Esmeralda sentiu profundamente a perda da companheira e me ligava com frequência para conversar sobre a falta que ela sentia da Nina. Por várias vezes ela relatou: “Doutora Renata eu tenho muitas saudades dela e gostaria muito de ter outra cachorrinha, mas uma outra igualzinha à Nina”.*

Nos casos acima temos exemplos bastante claros da construção de vínculos assimétricos. O homem, em seu desejo de satisfação, mobiliza atenção e cuidados ao objeto de sua pulsão, o animal. A assimetria reside no fato de que o animal, mesmo domesticado, permite-se à aproximação numa dimensão instintiva quando comparada à aproximação pulsional humana.

## O *pet* como objeto da pulsão

As espécies domesticadas que ganharam *status* de animais de estimação somente alcançaram esta posição graças à atuação do homem, mas o que afinal faz com que o homem “estime” um animal de forma tão implicada a ponto de direcionar sua libido?

Na tentativa de responder a esta pergunta, podemos partir do ponto de que a satisfação humana é inerente ao campo pulsional e amoroso. No texto *Psicanálise e Teoria da Libido* (1923) encontramos que a pulsão sexual que direciona a libido configura-se como uma condensação de pulsões parciais que, no decorrer da vida do indivíduo, organizam-se numa determinada contingência para, posteriormente, decomporem-se em um novo arranjo; como num balé em que bailarinos transitam entre movimentos efusivos e caóticos para uma coreografia definida e sincronizada, sucessivamente.

Neste sentido a pulsão difere do instinto pois não se limita àquilo que é definido previamente por um saber da espécie, mas sim é impulsionada por uma busca de satisfação que depende de inscrições inconscientes decorrentes dos acontecimentos de vida, fundamentadas no aparelho psíquico e em seu funcionamento.

Em contra partida, a dinâmica do animal é determinada pelo instinto que o conduz a um comportamento e saber característicos da espécie à qual pertence; geneticamente herdados e que varia muito pouco entre os indivíduos.

Desse modo Freud distingue o conceito de instinto (*Instinkt* no alemão), que aparece poucas vezes ao longo de sua obra, do de pulsão

(*Trieb*), embora muitas vezes o termo *trieb* tenha sido traduzido como instinto em seus textos (Souza, 2010).

Para muitos, a tradução de *Trieb* em instinto não é correta, pois, se assim fosse, seria como concordar que a sexualidade humana e as formas de prazer e desprazer também sejam fixas e não estabelecidas pelas contingências da vida, nas quais a relação com o outro tem um papel decisivo.

Recorrendo aos dicionários de psicanálise, encontramos em Laplanche e Pontalis (2001) que pulsão é definido como um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética) que faz o organismo tender para um objetivo”, enquanto que instinto é definido como um “comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade”

Para Lacan, segundo Kaufmann (1996), a pulsão é “uma exigência de trabalho manifestada pela busca de satisfação libidinal, regido pelo princípio de prazer” e, neste sentido distingue-se do instinto na medida em que este se apresenta como um “tipo estável de comportamento, ao passo que a pulsão recobre as vicissitudes de uma energia psíquica fundamentalmente móvel e que pode se desdobrar para objetivos finais diferentes como, por exemplo, a sublimação”.

No texto *Pulsões e suas Vicissitudes* (1915) o conceito de pulsão é descrito como um estímulo interior e constante, de origem somática, que

alcança a psique. Sendo a pulsão um estímulo constante, ela é originada de uma fonte somática e possui objetos e metas a serem alcançados.

O objeto pode ser considerado como tudo aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão atinge sua meta. Uma vez a meta tenha sido alcançada, o estado de estimulação na fonte pulsional é suspenso.

O objeto da pulsão é o elemento mais variável e não está originalmente vinculado a ela, diferentemente do observado na relação entre instinto e seu objeto específico. O objeto da pulsão apresenta-se pela sua aptidão em propiciar satisfação e, pode ser substituído por outros intermináveis objetos, o que nos sugere como o prazer humano pode ser variável.

Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud afirma que, pelo fato das pulsões parciais autoeróticas, na fase pré-genital, manifestarem-se de forma desorganizadas e ainda sem investimento a objetos externos, faz-se necessário a atuação de um agente organizador para a dispersão pulsional. A descoberta de um investimento da libido no ego, objeto interno por excelência, delimitou este como organizador da fragmentação pulsional infantil. A pulsão sexual passa então a atuar em duas formas de investimento principais cujo dualismo se divide quanto ao destino do investimento: a libido do ego e a libido do objeto.

Os animais de estimação prestam-se muito bem como objetos de amor, pois como intermediadores, retribuem a pulsão investida em afeto trazendo um ganho na satisfação da parcialidade pulsional, que pode se manifestar pelo prazer em acariciá-lo, em admirá-lo, em alimentá-lo; além do ganho narcísico na esfera do amor. Não à toa, ouvimos com frequência que

os cães se parecem com seus donos. Outro relato bastante comum na clínica é quando o dono do *pet* descreve traços e características do animal que são muito semelhantes nele próprio.

Segundo Freud, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), a supervalorização sexual no objeto de amor é o que se vê numa pessoa apaixonada, ao mesmo tempo em que há um empobrecimento de investimento da libido no eu, em favor do objeto amoroso.

O encantamento e a valorização estética e cultural num objeto belo e desejado exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal:

*...a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autosuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e, mesmo o grande criminosos e o humorista conquistam o nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo. É como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde estão nós mesmos abandonamos (Freud, 1914/2010, p. 34)*

Dentre as transformações ocorridas na puberdade, uma das mais importantes é a escolha de objeto de investimento, uma posição que tenderá a ser repetida na vida adulta do indivíduo. Esta escolha pode se dar de forma mais ou menos conflituosa dependendo de como ocorreu a ruptura do vínculo com os pais.

O sujeito somente abandona a posição infantil quando consegue processar, de forma saudável, a ruptura do vínculo com seus pais para então, dispor-se à procura de um novo objeto de amor, mesmo que, ambigualmente, Freud afirme no texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905, p. 2010) que “o encontro do objeto é, na verdade um reencontro”.

Quando existe resistência do indivíduo em separar-se de seus pais e há preferência na fixação da libido nos objetos de amor infantis dá-se o adoecimento neurótico; o sujeito internaliza as relações vivenciadas com os pais e tenderá a repeti-las na escolha do objeto de amor futuro:

*A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único dos vestígios que reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto. Outros rudimentos com essa mesma origem permitem ao homem, sempre apoiado em sua infância, desenvolver mais de uma orientação sexual e criar condições muito diversificadas para sua escolha objetal. (Freud, 1905/1996, p. 140).*

Como exemplo de recusa ao abandono da posição infantil segue o relato de uma jovem (Mirela, 19 anos), responsável por uma de minhas pacientes (Loren, Golden Retriever, 7 anos). A necessidade da proximidade física de Mirela à Loren é tão excessiva que me faz pensar que Loren assume uma posição de objeto ou fenômeno transicional entre Mirela e sua mãe:

*Loren foi adotada por Mirela quando esta cumpria o 1º semestre do curso de Medicina Veterinária na USP, nesta época Loren era um animal de experimento em reprodução assistida, ela seria fertilizada e posteriormente induzida a um aborto para avaliação dos fetos, mas em virtude dos tratamentos hormonais a que era submetida Loren desenvolveu uma doença reprodutiva (piometra) e por isso foi excluída do experimento. Conheci a responsável e a paciente após 9 meses da adoção, era notório o forte apego de Mirela com Loren que assumia estar sofrendo, pois durante o semestre seguinte ela deverá permanecer em período integral em uma fazenda, distante de São Paulo, a fim de cumprir os créditos obrigatórios das disciplinas de produção de grandes animais. Ela confirma que o sofrimento é decorrente da separação física da Loren, da mãe e também da separação da casa onde vive com a mãe e outras duas irmãs, e finaliza: “Eu não me imagino dormindo sem a Loren do meu lado”. A mãe de Mirela (57anos) conta que o marido faleceu aos 37 anos de idade e coube somente a ela o cuidado das filhas. Mirela é a mais velha e NUNCA sai de casa; assume que, embora goste do curso de veterinária, não aprecia permanecer por período integral na faculdade, não gosta de sair de SUA casa. Confirma que NUNCA sai para se divertir com amigos, NUNCA curtiu uma balada e acha um absurdo a mãe sair com as amigas e voltar para casa somente depois da 01:00h. No que se refere aos cuidados com Loren, tem grande aflição que ela desenvolva alguma doença séria. No ano passado Loren foi diagnosticada com um tumor pequeno e de bom prognóstico na região do cotovelo (sarcoma) que foi extirpado totalmente. Sempre que encontra alguma nodulação próxima à região ou mesmo em outro local entra em agonia até passar em avaliação comigo. Recentemente avaliei um pequeno nódulo encontrado próximo à região do tumor extirpado que considerarei ser somente um quelóide*

*resultante da cirurgia anterior. Mesmo assim coletei material para análise, no final do exame Mirela me disse não relaxaria até que o resultado do exame ficasse pronto. Quando enviei a ela o email com o resultado da análise que confirmava somente um processo inflamatório cicatricial ela me agradeceu enormemente. A mãe de Mirela compreende que a ansiedade da filha não é saudável e já sugeriu que ela procurasse suporte psicológico e conclui que seu comportamento pode ser um fator complicador em sua carreira como veterinária.*

O caso de Mirela, que encontra no relacionamento com um animal uma forma de reviver a situação infantil de apego aos pais é um exemplo de como os neuróticos tendem à repetição de algumas configurações de relacionamento ou de fracassos. Segundo Mannoni (1992), a repetição pura e simples difere da reminiscência, da procura do objeto perdido, do arrependimento ou da nostalgia. Porém, a compulsão à repetição que fica inscrita no inconsciente é na verdade algo que não foi adequadamente processado e que procura alívio de desprazer através da criação de sintomas.

A experiência de desprazer sentida por nós é o resultado da substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade. Embora os sentimentos de prazer e desprazer nos pareçam claramente opostos, no texto Além do Princípio do Prazer (1920), Freud discorre sobre a dualidade do neurótico a respeito destas sensações:

*Os detalhes do processo pelo qual a repressão transforma uma possibilidade de prazer numa fonte de desprazer ainda não são bem compreendidos ou não podem ser claramente expressos, mas certamente todo desprazer neurótico é desse tipo, é prazer que não pode ser sentido como tal. (Freud, 1920/2010, p. 167).*

A sensação de desprazer sentida pelo neurótico é resultado de sua dinâmica psíquica que tende, compulsivamente, à repetição de vivências não processadas ou elaboradas e, sua ocorrência está diretamente relacionada à pulsão de morte.

Para Freud, a combinação entre as pulsões de vida e de morte, opostas entre si, é o que dirige nosso funcionamento psíquico. De um lado a pulsão de vida move-se no sentido de construir, agregar e prolongar a experiência do estar vivo, enquanto a pulsão de morte exerce pressão no sentido de retroceder a um estado inicial, primitivo e inorgânico.

Sendo assim, devemos considerar que algumas atitudes de afeto excessivo entre donos e seus animais de estimação podem, na verdade, apoiarem-se em uma revivescência das experiências infantis, agora repetidas com o animal.

### **3. Experiência veterinária em tratar animais doentes**

É fato que os animais de estimação, estão tornando-se cada vez mais longevos, no Brasil e no mundo.

Um estudo publicado pela instituição *Royal Veterinary College* na Inglaterra constatou a longevidade de cães domésticos no país utilizando, como base de dados, registros de clínicas veterinárias, questionários aplicados a responsáveis de cães e informes de seguros de animais de estimação (O'Neill *et al.*, 2013).

Os resultados finais comprovaram que a longevidade média do grupo estudado foi de 12 anos; sendo que as raças de pequeno porte, estatisticamente, foram mais longevas do que as de porte grande. As causas mais comuns relacionadas à morte foram desordens neoplásicas (câncer), músculo-esqueléticas e neurológicas. Outra constatação interessante foi a de que cães de raças mistas apresentaram, em média, 1,2 anos a mais de vida

do que os cães de raça pura, confirmando o conceito de vigor híbrido nos indivíduos heterozigotos em relação aos homozigotos.

Embora o estudo não reflita necessariamente a longevidade natural dos cães como animais que evoluíram a partir da domesticação (Waters, 2014), mas sim a longevidade artificial da espécie como reflexo da atenção e cuidados da companhia humana. A conclusão que o trabalho chega é bastante apropriada, a longevidade dos cães domésticos aumentou como resultado da oportunidade que estes tiveram em usufruir de melhores condições de vida: *“improved understanding of longevity represents a significant welfare opportunity for the domestic dog”*.

Atualmente cães e gatos domésticos que estão na companhia do homem vivem e envelhecem de um modo singular. Devemos também considerar que parte disso tem direta relação com os avanços em conhecimento e também tecnológicos ocorridos no campo da medicina veterinária, principalmente na melhoria do controle das doenças infecto-contagiosas, nutrição e técnicas diagnósticas e terapêuticas.

## **A evolução da medicina veterinária**

Com a evolução do conhecimento no campo da medicina veterinária e, conseqüentemente, o aumento da longevidade de cães e gatos, o homem ganhou mais tempo para usufruir da companhia de seus animais de estimação.

Porém, o acréscimo em tempo no convívio mútuo também trouxe outras questões acerca do bem-estar físico e psíquico dos integrantes desta relação, da qual o veterinário também participa.

Como veterinária oncologista conheço meios de promover bem-estar e aumento da sobrevida de paciente que, se não tratados, invariavelmente, morreriam pela evolução ou complicações da doença e, mesmo sabendo da inexorabilidade do câncer, reconheço-me implicada num processo contínuo de tratar e cuidar.

Sinto-me muito estimulada pelas vitórias e conquistas alcançadas, mas não deixo de me abater pela frustração nas perdas; hoje compreendo melhor minha implicação no percurso pulsional em que estou inscrita. Entendo que o médico, seja qual for a doença ou o paciente, mesmo que temporariamente, também participa de um vínculo que somente é mantido ou prolongado pela sua atuação.

Tenho sido testemunha do aumento de investimento em serviços e infra-estrutura em *pet-shops*, clínicas e hospitais veterinários em São Paulo nos últimos 20 anos. A variedade de serviços oferecidos aos *pets* hoje como, por exemplo, sessões de banhos relaxantes e de hidratação da pelagem, diversos *looks* de vestuário, diferentes tipos de ração e biscoitos adequados ao porte e raça, dentre outros, com certeza pareceria impensável aos nossos avós que, alimentavam seus animais com comida caseira e os mantinham restritos ao quintal da casa.

Nos últimos anos, como professora, contribuí para a formação do profissional veterinário que hoje está no mercado de trabalho, com especial dedicação à formação de especialistas.

Mais recentemente tenho assistido ao aumento do número de centros de unidades de terapia intensiva veterinária (CTIs e UTIs) e dos cursos de especialização em intensivismo para pequenos animais. Definitivamente considero esse movimento uma evolução que tem propiciado muitas das minhas conquistas médicas, principalmente para pacientes em que o tratamento intensivo faz total diferença entre recuperação e a morte.

Porém, situações em que o responsável, e por vezes o próprio veterinário, insistem em manter o paciente artificialmente vivo são experimentadas com grande angústia de todos os envolvidos, inclusive por mim.

Assistir (em todos os sentidos) a um animal num leito de UTI, sem condições de interagir ou de se comunicar, que é alimentado por meio de sondas e respira artificialmente por meio de aparelhos, em nada remete à plenitude da vida animal.

Nesse sentido concordo com Mannoni (1992) quando afirma:

*“a medicina que só poderia constatar, pode agora retardar o falecimento do doente que ela condenou, mas sem proveito para ninguém.... E o doente assim mantido numa sobrevivência comatosa não tem semelhança nenhuma com o moribundo típico de outrora, aquele para quem se organizavam os ritos de passagem e que deles participava para desempenhar seu papel.... A importância desses ritos explica o terror com que se considerava o risco de morte súbita. Objeto dos temores de outrora, a morte súbita converteu-se no desejo de quase todo mundo” (p. 193)*

## **Eutanásia como opção legal**

A opção ou sugestão da eutanásia para um paciente veterinário encerra uma grande frustração tanto para seus responsáveis como também para o veterinário. Ao mesmo tempo, este momento pode ser tomado para interessantes reflexões sobre a finitude e o direito à morte sem sofrimento.

Em medicina veterinária a eutanásia é uma prática lícita, o que faz do veterinário um profissional com experiência única neste quesito, embora em alguns poucos países no mundo a eutanásia na medicina humana também seja uma prática consentida.

Segundo normatização do Conselho Federal de Medicina Veterinária (Resolução nº1000, 11 de maio de 2013) a eutanásia é um procedimento clínico juridicamente legal e que deve ser realizada de forma tecnicamente regulamentada seguindo preceitos éticos específicos e atendendo aos princípios de bem-estar animal.

Diferente do que acontece na medicina humana, ao veterinário é permitido pensar e discutir livremente o assunto seja entre a equipe veterinária, entre os responsáveis de pacientes como também na comunidade, o que parece ter um efeito libertador.

Porém, a despeito de maior liberdade para se discutir e falar sobre o tema, a prática corriqueira da eutanásia entre veterinários pode levar a alterações de humor, depressão e inclusive, segundo Tran e colaboradores (2014), aumento de risco para suicídio.

#### **4. A escuta da dor à perda no contexto veterinário**

Segundo Freud, no texto Luto e Melancolia (1917), luto é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como a privação de alguém ou algo que era presente e passa a ser inacessível.

Sob as mesmas influências, em alguns, observa-se que no lugar do luto instala-se um estado melancólico, normalmente em indivíduos com predisposição patológica.

O estado de ânimo do luto não é tido como patológico, espera-se que a experiência dolorosa seja superada depois de algum tempo.

Como no caso de perda de pessoas queridas, tanto o luto como a melancolia pela morte de animais de estimação são processados da mesma forma, porém não é incomum que o luto por *pets* não seja reconhecido por muitos que, consideram a morte de um animal uma banalidade.

A experiência de luto não reconhecido pode favorecer a manutenção de um estado de sofrimento silencioso que pode ser amplificado com pela solidão.

O tempo em que cada um elabora o seu luto é variável, a superação deste estado demanda tempo para elaboração e, não são recomendáveis tentativas para amenizá-lo ou perturbá-lo.

Na intenção de se conhecer o impacto que os sentimentos relacionados ao luto por morte de animais imprimiram no dia-a-dia, conduziu-se estudo considerando relatos de um grupo de 106 responsáveis em luto.

Os sentimentos definidos como tristeza e luto eram relativamente comuns em, pelo menos 6 meses, em cerca de 30% dos responsáveis; cinco a 12% dos responsáveis desenvolveram sintomas significantes de luto complicado e desordem de estresse pós-traumática (Adrian *et al.* 2009).

A elaboração do luto inicia-se pela constatação (princípio de realidade) de que o objeto amado já não existe mais, o que leva a retirada gradativa da libido do objeto perdido. Com o tempo, a falta e as lembranças

do objeto vão se atenuando e, por meio de uma operação de compromisso, o indivíduo supera a perda e torna-se livre para investir libido em outro objeto.

Em alguns casos o tempo necessário para desinvestir a libido pode durar mais tempo do que o normal, levando a situações de luto longo e complicado. No exemplo abaixo relato um caso onde o investimento de libido prolongou-se anos após a morte de uma paciente.

Sandrine (Teckel, fêmea, 9 anos) era o *pet* único dos responsáveis Sandra e João. O casal não tinha filhos, eram extremamente companheiros nas atividades do dia-a-dia e Sandrine participava ativamente da rotina deles. O motivo da consulta comigo foi o aparecimento de um nódulo mamário que havia crescido em poucas semanas. Realizei a cirurgia dias após a consulta e a análise anátomo-patológica do tumor confirmou um tipo bastante agressivo de câncer de mama com potencial elevado para disseminação metastática. Mesmo com tratamento adjuvante (quimioterapia) iniciado logo após a recuperação cirúrgica a paciente apresentou recidiva na forma de metástase em linfonodos, fígado, osso e cérebro e faleceu em decorrência de convulsões após 3 meses do diagnóstico. Sandra e João “perderam o chão” com a morte de Sandrine, ocorrida no final de dezembro de 2009. No início de 2010 eu os recebi em algumas visitas e era evidente o quanto eles ainda estavam abatidos pela perda. Na época do Natal em 2010 recebi nova visita e os encontrei mais dispostos, inclusive para me contar que eles ainda mantinham o hábito de colocar diariamente ração e água no mesmo local onde ficavam o comedouro e bebedouro de Sandrine. Achei estranho, mas não fiz comentários. Em dezembro de 2011 eles novamente me visitaram e confirmaram que ainda mantinham o hábito de dispor de ração e água para Sandrine e, o mesmo relato aconteceu quando da visita de dezembro de 2012. Desta vez, não pude deixar de comentar que aquilo me parecia estranho, que talvez fosse o caso deles procurarem ajuda ou, ainda, que talvez fosse o momento para um novo companheiro canino. Em dezembro de 2013 recebi novamente a visita do casal, agora acompanhados de Zeca, na época um Teckel “adolescente”. Sandra me disse que deixou de oferecer a refeição para Sandrine a partir do momento que Zeca passou a comer o que havia sido “ofertada” à ela.

Embora a minha sugestão sobre a adoção de um novo *pet* tenha aparentemente auxiliado os responsáveis na finalização de um trabalho de luto complicado, não recomendo que seja essa a melhor sugestão para a grande maioria dos donos que sofrem pela perda de seus animais. Não raras vezes presenciei pessoas que, imediatamente após a morte de um animal,

adquiriram outro ou, foram presenteadas, com filhotes e da mesma raça, na intenção de consolar e abrandar a dor da perda.

Atitudes como estas, mesmo que nas melhores das intenções, impedem o processo natural e necessário do luto. Ainda, “colocar um novo animal no lugar do outro” pode sugerir que aqueles que amamos possam ser substituídos ou que uma experiência afetiva possa facilmente ser duplicada (Ross & Baron-Sorensen, 2007).

A família ou responsável em luto que assume um novo *pet* também pode experimentar uma situação bastante frustrante. As expectativas da família ou do responsável podem não serem alcançadas quando se constata de que o novo animal difere do antecessor, principalmente em casos de filhotes que não estão habituados com a rotina da família ou que ainda não receberam treinamento.

A percepção de que o novo parceiro não é “igual ao outro” pode ser um reforço aos sentimentos de tristeza, depressão e, inclusive culpa, pela dificuldade e inabilidade em lidar com a nova situação, além da sensação de incapacidade de amar novamente (Ross & Baron-Sorensen, 2007).

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud afirma que, a perda do objeto de amor é uma oportunidade extraordinária para que entre em vigor e venha à luz a ambivalência das relações amorosas. Neste momento, quando existe disposição à neurose obsessiva, o conflito de ambivalência confere ao luto uma conformação patológica e o compele a se expressar na forma de auto-recriminações, de ser culpado pela perda do objeto de amor, isto é, de tê-lo desejado.

O sentimento de culpa aparece frequentemente relacionado à moral e à ética, bem como à emergência do Supereu e ao desenvolvimento e sobrevivência da civilização. Para que seja possível viver civilizadamente é necessário controlar o desejo de agressão inerente em cada um de nós e, isso se faz pela ação do Supereu que, atuando como agente capaz de conter o desejo pela vigilância e prontidão em condenar, intensifica o sentimento de culpa (Gellis & Hamud, 2011).

Para compreender como o Supereu participa no sentimento de culpa, consideramos que os filhos veem seus pais como modelos idealizados, porém todos nós experimentamos afetos ambivalentes com nossos pais; de um lado sentimos admiração e amor, do outro, desejo de aniquilação. Mas, os afetos hostis e agressivos não poderiam ser dirigidos aos nossos pais sem uma grande repressão pelo Supereu.

Dessa forma os sentimentos hostis voltam-se ao Eu, é o sentimento de culpa que se apresenta como um castigo do Supereu. Mesmo assim, este mecanismo não consegue inibir a ambivalência afetiva, que se refugia no inconsciente e tentará sempre tornar-se presente (PUC-Rio, 2015).

O sentimento de culpa é o frequentemente relatado pelos responsáveis dos animais que falecem em minha rotina. Somente para exemplificar como a sensação de culpa pode tornar-se tão opressora, fui solicitada, em algumas ocasiões, a dar consultas a pacientes que já haviam morrido.

Um dos casos foi o de uma senhora responsável por um cãozinho poodle bastante idoso que havia sido meu paciente no passado e que, anos

após meu tratamento desenvolveu uma insuficiência cardíaca e faleceu. A responsável me procurou alguns dias após a morte do seu companheiro, na verdade ela queria alguém para escutá-la na sua dor. A proprietária insistia em me contar que o poodlezinho estava tomando medicações prescritas pelo cardiologista, mas que a medicação havia acabado e, para a comprá-la ela precisava de uma nova receita, mas para isso seria necessário passar (e pagar) uma nova consulta do cardiologista. Porém, não deu tempo, o paciente sentiu-se mal e acabou falecendo em decorrência de um edema pulmonar antes da avaliação. Foi constrangedor vê-la chorando dizendo:

*Doutora, por favor, me diga se a culpa foi minha... eu não comprei o remédio que ele precisava tomar!*

Em outro caso que acompanhei, constatei a evolução de um luto complicado associado ao sentimento de culpa e auto-recriminação, o caso da morte do companheiro canino de Nívea:

*Tadeu (Pischer, 14 anos) foi presenteado à Nívea quando ainda era jovem por vizinhos do condomínio. Tornou-se o companheiro e o filho de Nívea além de integrante da “família” dela, duas amigas sócias num escritório de advocacia. A consulta do paciente ocorreu em novembro 2013 e, alguns dias antes, recebi, via motoboy, um pacote com TODOS os exames que Tadeu havia realizados desde a época de sua adoção. Juntamente ao pacote vinha também endereçado a mim uma flor de chocolate, o que me causou uma ligeira irritação por imaginar que a proprietária tinha intenção em “comprar” minha atenção ao caso. No dia da consulta estavam presentes tanto Nívea (responsável) como Ana, amiga e sócia dela. Durante a longa consulta as responsáveis me contaram os malabarismos que elas estavam fazendo para que Tadeu voltasse a comer como antes, ele recusava as refeições preparadas caprichosamente para ele e ainda apresentava episódios de vômitos frequentes. Com base nos exames a suspeita era de um câncer gástrico, outros profissionais já haviam indicado tratamento cirúrgico, o que também foi indicado por mim. Mas Nívea não queria submetê-lo à cirurgia, ela justificava que ele estava perdendo peso e tinha vômitos frequentes e por isso ele “precisava ficar mais forte para aguentar a cirurgia”. Respeitei a decisão dela e passei a acompanhar a evolução clínica do paciente sem intervenções. Cerca de um mês após a consulta Tadeu apresentou um quadro súbito de dor abdominal e foi internado às pressas. Decidimos operá-lo em emergência e, em vista do quadro, Nívea não pode contestar a necessidade da cirurgia. À exploração da*

*cavidade abdominal encontrei um sítio de perfuração gástrica causado pelo câncer além de focos de peritonite. Tadeu faleceu nos minutos finais da cirurgia. Quando relatei a Nívea o encontrado na exploração cirúrgica, instantaneamente, ela associou a perfuração gástrica ao fato dela forçá-lo a se alimentar, ela estava certa que a ruptura do estômago havia sido provocada por ela. Por várias vezes recebi Nívea em meu consultório para ouvi-la chorar, desabafar e sentir-se ouvida na sua dor, e remover a culpa de ter sido ela quem causou a morte de Tadeu. Atualmente ainda mantemos contato, minha impressão é que a dor amenizou, mas o Tadeu ainda permanece vivo e impresso na mente e no coração dela. No ano passado recebi um email convite para participar de uma missa em memória ao aniversário dele, segue texto que ela enviou não só a mim, mas as várias outras pessoas do convívio dela:*

**OLÁ,  
HOJE 09/04/2014 É MEU ANIVERSÁRIO.  
HOJE NÃO TEM BOLO DE CARNE, A MESA PERMANECERÁ VAZIA...  
COMPLETO 15 ANOS E A MAMANHÊ ME DISSE QUE SEREI ETERNO!  
PORQUE O AMOR, SABEDORIA, FIDELIDADE E ALEGRIA,  
PERMANECERÃO PRA SEMPRE! TUDO ISSO CONTINUA... MESMO NA IMENSIDÃO DA SAUDADE!  
ESTOU FELIZ, PORQUE CONTINUO SENDO MUITO AMADO! E  
CONTINUO AMANDO MUITO! E A MAMANHÊ ME ETERNIZOU EM SEU CORAÇÃO!  
ELA SÓ NÃO VAI FAZER UMA FESTINHA HOJE, PORQUE NÃO ESTOU PRESENTE FISICAMENTE,  
E ELA NÃO VAI QUERER CANTAR ASSIM... NAQUELA MESA ESTÁ FALTANDO ELE E A SAUDADE DELE  
ESTÁ DOENDO EM MIM....  
A MAMANHÊ ME DISSE TAMBEM, QUE DEUS ME EMPRESTOU PRA ELA POR ALGUNS ANOS,  
E QUE ELA TEVE QUE ME DEVOLVER PRA DEUS O QUE JÁ É DELE, MAS QUE VAMOS NOS  
REENCONTRAR E FICAREMOS JUNTINHOS PRA ETERNIDADE!  
E ESTA CERTEZA É HOJE O MEU MELHOR PRESENTE!  
ESTOU SORRINDO, ESTOU FELIZ E QUERO QUE TODOS FIQUEM ALEGRES E FELIZES TAMBEM!  
É PRA ISSO QUE SERVE O AMOR INCONDICIONAL.  
ESTAREI TE ESPERANDO MAMANHÊ, E SEI QUE CONTINUAREMOS CHEIOS DE AMOR PRA DAR E  
RECEBER.  
QUE DEUS PROTEJA A TODOS, QUE DEDICARAM A MIM O SEU CARINHO E AFETO, AGRADEÇO POR  
TEREM PARTICIPADO DESTA MISSA EM MINHA HOMENAGEM, COM SUA PRESENÇA FISICA, POR  
PENSAMENTO E POR TELEFONE. FIQUEI FELIZ E A MAMANHÊ TAMBEM.  
A TODOS **uma cestinha de beijos** E A MINHA ETERNA GRATIDÃO! COM AMOR,**

**TADEU E MAMANHÊ**

O estado melancólico que pode advir de luto pela perda de um animal de estimação é considerado patológico e pode levar a estados mórbidos do elutado. Diferente do luto, a melancolia tem como característica a perturbação do sentimento de autoestima.

*A melancolia é caracterizada por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em*

*autorrecriações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (Freud, 1917/2011, p. 47).*

A melancolia pode suceder não somente como reação à perda de um objeto amado, em alguns outros casos ela pode emergir pela perda de um objeto de natureza idealizada; não por alguém ou algo que realmente morreu ou foi perdido, mas aquilo que se perdeu como objeto de amor.

O melancólico mostra um enorme rebaixamento do seu sentimento de autoestima e empobrecimento. Enquanto que no luto é o mundo que parece pobre e vazio, na melancolia este sentimento de desprezo é direcionado ao Eu; numa constatação de desagrado moral consigo mesmo, que se põe acima de qualquer outro defeito que o indivíduo possa ter.

Porém, numa escuta mais atenta observa-se que, frequentemente, as autoacusações relatadas pelo melancólico se adéquam muito pouco à sua própria pessoa, são críticas direcionadas a outro, a quem o doente ama, amou ou deveria amar; na verdade são recriações contra o objeto de amor, a partir do qual se voltam sobre o próprio Eu.

A melancolia pode aparecer quando a ligação da libido a uma pessoa, ou objeto, é abalada pela influência de uma decepção ou ofensa real. O normal seria que a libido fosse direcionada e investida em outro objeto de amor, mas isso não ocorre, a libido fica livre e não encontra outra forma de fixação, retirado-se para o Eu. A libido, uma vez nesta instância, produz a identificação do Eu com o objeto perdido.

Assim, para o melancólico, a perda do objeto acaba também se transformando em perda do Eu que, uma vez modificado pela identificação torna-se extremamente autocrítico.

Nestes casos, a escolha do objeto parece requerer uma base narcísica; assim, o investimento objetal regride para o narcisismo fazendo com que o indivíduo identifique-se com o objeto:

*...a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal (Freud, 1917/2011, p. 63)*

O ódio direcionado ao Eu é uma reação comum no melancólico, parece haver uma satisfação sádica no autoinsulto e na auto-humilhação como, por exemplo, no observado no caso da cliente que não comprou a medicação para o poodle cardiopata, e também no caso da Nívea, que se dispõe ao flagelo por acreditar ter sido ela a causadora da morte de Tadeu.

O adoecer melancólico é possível após a perda de um animal. O pesar e dor envolvidos no processo podem ser amplificados pela dificuldade do responsável em elaborar sua perda bem como pelo não reconhecimento da sociedade quanto ao luto de um companheiro animal.

O reconhecimento e validação desta dor pelos profissionais do contexto veterinário, além de oferecer acolhimento, contribui para melhor elaboração do luto.

## **A posição de escuta do veterinário**

Minha decisão de participar de um curso de Teoria Psicanalítica foi motivada pelo interesse em agregar o conhecimento psicanalítico à minha prática. Desenvolvi um olhar curioso e atento sobre como e por que o homem vincula-se afetivamente aos seus animais de estimação e, em contrapartida o porquê de tanto sofrimento quando da perda deles.

Durante o período de formação dos médicos veterinários não somos sequer alertados sobre no que se baseiam as relações entre humanos e animais, nem tampouco entre humanos. Espera-se que, como veterinários, sejamos impelidos a responder às expectativas de quem nos procuram para cuidado e tratamento dos doentes que precisam de nossa ajuda.

Mas, considerando a importância crescente do lugar que os animais de estimação têm alcançado tanto no seio da família tradicional como também nas novas configurações familiares, acredito que o conhecimento do psiquismo agrega alto valor na formação de profissionais atentos além do cuidar.

A disposição em escutar o outro nos remete a um trabalho muito maior, o qual exige estudo, leitura, tempo, observação e dedicação para entender um modelo mais amplo das inter-relações homem-animais.

## 5 Conclusão

A partir das informações apresentadas neste trabalho concluímos que o homem tem se dedicado cada vez mais em atenção aos animais escolhidos como de estimação, um reflexo disso é o aumento do número de *pets*, não somente no Brasil, mas também nos grandes centros urbanos do mundo.

A evolução da medicina veterinária como área de conhecimento nos últimos anos permitiu aos pacientes veterinários usufruírem de melhor assistência durante o processo de adoecer e morrer; de forma semelhante, a dor e o sofrimento dos proprietários em luto também são merecedores de acolhimento. A partir deste pressuposto, entendemos que, com uma melhor compreensão dos mecanismos psicanalíticos envolvidos tanto na construção do laço afetivo como também no luto pela perda do animal, seja possível um diálogo multidisciplinar no exercício da medicina veterinária.

## 6 Referências Bibliográficas

ABINPET (Associação Brasileira de Indústria de Produtos para Animais de Criação). Disponível em: <http://www.abinpet.org.br/site/mercado>. Acesso em: 11 de novembro de 2015.

ADAMELLI, S., MARINELLI, L., NORMANDO, S.; BONO G. Owner and cat features influence the quality of life of the cat. *Applied Animal Behaviour Science*, v.94, 1-2, p.89-98, 2005.

ADRIAN, J.A.; DELIRAMICH, A.N.; FRUEH, B.C. Complicated grief and posttraumatic stress disorder in humans response to the death of pets/animals. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v.73, p.176, 2009.

BADINTER, E. *Le Conflit: La femme et La mère*. Paris:Flamarion, 2010

BORCHELT, P.L. Aggressive Behavior of dogs kept as companion animals: classification and influence of sex, reproductive status and breed. *Applied Animal Ethology*, v.10, p.45-61, 1983.

BRADSHAW, J.W.S; GOODWIN, D.; LEGRAND-DEFRETIN, V.; NOTT, H.M.R. Food selection by the domestic cat, an obligate carnivore. *Comparative Biochemistry as Physiology - A Comparative Physiology*, v.114, p.205– 209, 1996.

CLUTTON-BROCK, J. *A Natural History of Domesticated Mammals. Section I - Animal Partners. The process of domestication*. Cambridge University Press, UK, 1999.

CLUTTON-BROCK J. Origins of the Domestic Dog: Domestication and Early History. In: *The Domestic Dog: Its Evolution, Behaviour, and Interactions with People*. Cambridge University Press, UK, 1995.

Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV). Resolução nº1000, de 11 de maio de 2012. *Dispõe sobre procedimentos e métodos de eutanásia em animais*. Disponível em: <http://portal.cfmv.gov.br/portal/legislacao/index>. Acesso em 18 de agosto de 2015.

DAVIS, S.J.M.; VALLA, F.R.; FRANÇOIS, R. Evidence for domestication of the dog 12,000 years ago in the Natufian of Israel. *Nature*, v. 276, p. 608-610, 1978.

DRISCOLL, C.A.; CLUTTON-BROCK, J.; KITCHENER, A.C.; O'BRIEN, S.J. The taming of the cat. *Scientific American*, v.300, p.68 –75, 2009,

DRISCOLL, C.A.; MENOTTI-RAYMOND, M.; ROCA, A. L.; HUPE, K.; JOHNSON, W. E.; GEFFEN, E.; HARLEY, E. H.; DELIBES, M.; PONTIER, D.; KITCHENER, A. C.; YAMAGUCHI, N.; O'BRIEN, S.J.; MACDONALD, D.W. The Near Eastern origin of cat domestication. *Science*, v.317, p.519-523, 2007.

DRISCOLL, C.A., MACDONALD, A.D.W.; O'BRIEN, S.J. From wild animals to domestic pets, an evolutionary view of domestication. *Proceedings of National Academy of Sciences of the United States of America*, v. 106, suppl. 1, p. 9971–9978, 2009.

ELIZEIRE, M.B. *Expansão do Mercado Pet e a Importância do Marketing na Medicina Veterinária*. Rio Grande do Sul, 2013, 51p. Monografia (Trabalho de Conclusão em Medicina Veterinária). URGs/Porto Alegre.

FERNANDES, M. *Cara de Um, Focinho do Outro*. São Paulo: Butterfly, 2015.

FREUD, Sigmund (1905) Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao Narcisismo. In: *Obras Completas*. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1915) A pulsão e suas Vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1917) Luto e Melancolia. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund (1920). Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Completas*. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1923). Psicanálise e Teoria da Libido. In: *Obras Completas*. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GELLIS, A.; HAMUD, M. I. L. Sentimento de Culpa na obra Freudiana: Universal e Inconsciente. *Psicologia USP*, v.22, 3, p. 635-653, 2011.

HEMMER, H. *Domestication: The Decline of Environmental Appreciation*. Cambridge University Press, 1990.

HOFFMAN, J. M., CREEVY, K. E., PROMISLOW, D. E.L. Reproductive Capability Is Associated with Lifespan and Cause of Death in Companion Dogs. *PLOS ONE*, v. 17, 8, 2013.

JACOBSON, K.C.; HOFFMAN, C.L.; VASILOPOULOS, T. KREMEN, W. S.; PANIZZON, M. S; GRANT, M. D.; LYONS, M. J.; XIAN, H.; FRANZ, C. E. Genetic and Environmental Influences on Individual Differences in Frequency of Play with Pets among Middle-Aged Men: A Behavioral Genetic Analysis. *Anthrozoos*, v.25, 4, p.441-456, 2012.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KEHL, M. R. Em defesa da família Tentacular. Disponível em <http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>. Acesso em 12 de novembro 2015.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LINDSAY, S. R. *Handbook of Applied Dog Behavior and Training: Adaptation and Learning*, Vol 1. Iowa State University Press, 2000.

MANNONI, O. *Um Espanto tão intenso – Psicanalisar a Morte*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1992.

MARINELLI, L., ADAMELLI, S. NORMANDO, S.; BONO, G. Quality of life of the pet dog: Influence of owner and dog's characteristics - *Applied Animal Behaviour Science*, v.108, p.143-156, 2007.

MORRIS, D. *O Macaco Nu. Origens*. São Paulo, Abril Cultural, 1967.

MULLER, W. *In the First Steps of Animal Domestication*, eds Vigne JD, Peters J, Helmer D. Oxbow Books, Oxford, p 34-40, 2002.

PUC-Rio. O sentimento de culpa sob a ótica freudiana. Disponível em: [http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13503/13503\\_3.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13503/13503_3.PDF). Acesso em 13 de agosto de 2015.

OLIVEIRA, C. L. M. V. Famílias e parentalidades: os psicanalistas diante da Complexidade do Contemporâneo. *Associação Psicanalítica de Curitiba em Revista*, v. 28, p.51-62, 2014.

O'NEILL, D.G., CHURCH, D.B., MCGREEVY, P.D., THOMSON, P.C., BRODBELT, D.C. Longevity and mortality of owned dogs in England. *The Veterinary Journal*, v.198, p.638-643, 2013.

PANG, J.F.; KLUETSCH, C.; ZOU, X.J.; ZHANG, A.B.; LUO, L.Y.; ANGLEBY, H.; ARDALAN, A.; EKSTRÖM, C.; SKÖLLERMO, A.; LUNDEBERG, J.; MATSUMURA, S.; LEITNER, T.; ZHANG, Y.P.; SAVOLAINEN, P. mtDNA data indicate a single origin for dogs south of Yangtze River, less than 16,300 years ago, from numerous wolves. *Molecular Biology and Evolution*, v. 26, p. 2849-2864, 2009.

PRICE, E.O. Behavioral aspects of animal domestication. *The Quarterly Review of Biology*, v.59, 1, p.1–32, 1984.

RITTO, C.; ALVARENGA, B.. A casa agora é dos cães – e não das crianças. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento>. Acesso em 04 de junho de 2015.

ROSS C. B.; BARON-SORENSEN, J. *Pet Loss and Human Emotion - Deciding to Love a New Pet*. 2<sup>nd</sup> ed. New York:Routledge, 2007.

SOUZA, P.C. As palavras de Freud - O vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SPARKES, J.; KORTNER, G.; BALLARD, G.; FLEMING, P. J. S.; BROWN, W. Y. Effects of Sex and Reproductive State on Interactions between Free-Roaming Domestic Dogs. *PLOS ONE*, v.9, 12, 2014.

TRAN, L; CRANE, M. F.; PHILLIPS, J. K. The Distinct Role of Performing Euthanasia on Depression and Suicide in Veterinarians. *Journal of Occupational Health Psychology*, v.17, p. 123, 2014.

VERGINELLI, F.; CAPELLI, C.; COIA, V., MUSIANI, M.; FALCHETTI, M.; OTTINI, L.; PALMIROTTA, R.; TAGLIACCOZZO, A.; DE GROSSI MAZZORIN, I.; MARIANI-

COSTANTINI, R. Mitochondrial DNA from prehistoric canids highlights relationships between dogs and South- East European wolves. *Molecular Biology and Evolution*, v. 22, p. 2541-2551, 2005.

VIGNE, J.D.; GUILAINE, J.; DEBUE, K.; HAYE, L.; GERARD, P. Early taming of the cat in Cyprus. *Science*, v. 304, 259, 2004.

WANDELER, P.; FUNK, S.M.; LARGIADER, C.R.; GLOOR, S.; BREITENMOSER, U. The city-fox phenomenon: Genetic consequences of a recent colonization of urban habitat. *Molecular Ecology*, v.12, p. 647-656, 2003.

WATERS, D. J. Longevity in Pet Dogs: Understanding what's missing. *The Veterinary Journal*, v. 200, p. 3-5, 2014.

ZEUNER, F.E. A History of Domesticated Animals. London: Hutchinson, 1963.